

# GÊNERO NEUTRO EM FOCO NO PORTUGUÊS: ANÁLISE DA VOGAL MÉDIA NA SÍLABA TÔNICA

*Lara de Almeida Moreira (IFRJ)<sup>1</sup>*

[laradealmeidamoreira4@gmail.com](mailto:laradealmeidamoreira4@gmail.com)

*Vítor de Moura Vivas (IFRJ e UFRJ)*

[vitor.vivas@ifrj.edu.br](mailto:vitor.vivas@ifrj.edu.br)

*Wallace Bezerra de Carvalho (IFRJ)*

[wallace.carvalho@ifrj.edu.br](mailto:wallace.carvalho@ifrj.edu.br)

*Margareth Andrade Morais (IFRJ)*

[margareth.morais@ifrj.edu.br](mailto:margareth.morais@ifrj.edu.br)

## RESUMO

A língua pode ser entendida como uma ferramenta humana para a comunicação. Por essa característica fundamental, sofre constantes mudanças que visam a acompanhar as mudanças sociais da sociedade que a fala. O debate sobre gêneros gramaticais no português brasileiro tem estado em ascensão desde o início do século XXI, com o questionamento sobre os papéis de gênero por parte das feministas. Agora, com a comunidade trans, ocorre o questionamento sobre a existência de somente dois gêneros. Atualmente, o gênero neutro gramatical, isto é, palavras com vogal “-e” final como marcador de gênero, é a forma mais utilizada de representar pessoas que não se identificam com nenhum dos dois gêneros marcados no português, o masculino e o feminino. No entanto, é observado que, em algumas palavras com a vogal “-e” final, a pronúncia pode ser diferente. A palavra “ansiose”, por exemplo, pode ser pronunciada “ansi(ó)se” ou “ansi(ô)se”, sendo que a vogal média aberta (ó) é observada em palavras femininas, enquanto a vogal média fechada (ô) é observada em palavras masculinas. Nessa pesquisa, questionamos se tal diferença na pronúncia pode alterar a neutralidade da palavra e se uma via alternativa não seria mais eficaz para mantê-la.

Palavras chave:

Morfologia. Uso. Gênero neutro.

## ABSTRACT

Language can be understood as a human tool for communication. Due to this fundamental characteristic, it undergoes constant changes that aim to keep up with the social changes of the society that speaks it. The debate about grammatical genders in Brazilian Portuguese has been on the rise since the beginning of the 21<sup>st</sup> century, with feminists questioning gender roles. Now, with the trans community, there is a question about the existence of only two genders. Currently, the neutral grammatical gender, that is, words with the final vowel “-e” as a gender marker, is the most widely used way to represent people who do not identify with either of the two genders marked in Portuguese, masculine or feminine. However, it is observed that, in some words with the final vowel “-e”, the pronunciation can be different. The word “ansiose”,

---

<sup>1</sup> Agradecemos, ao IFRJ e ao CNPQ, o apoio através do Programa Prociência.

for example, can be pronounced “ansi(ó)se” or “ansi(ô)se”, with the open mid vowel (ó) being observed in feminine words, while the closed mid vowel (ô) is observed in masculine words. In this research, we questioned whether such a difference in pronunciation could alter the neutrality of the word and whether an alternative route would not be more effective in maintaining it.

**Keywords:**

**Neuter gender. Morphology. Usage.**

## ***1. Introdução***

A linguagem, um sistema de representação socialmente estabelecido, está intrinsecamente ligada a processos históricos e culturais e, exatamente por essa razão, está em constante evolução (Cf. MARCUS-CHI, 2008).

Podemos entender, então, que a língua é um instrumento cultural que sofre mudanças ao longo da história. No uso, portanto, busca-se atender às necessidades sociais e culturais por meio de mudanças linguísticas. Por isso, a língua pode também acabar revelando os valores de uma sociedade, a sua cultura. Esta pesquisa procura contemplar a trajetória social e linguística pela qual o gênero gramatical neutro passa no português, uma vez que seria impossível apresentar essa discussão sem entender as instituições sociais pelas quais tal fenômeno linguístico atravessa.

Pode-se entender o uso do gênero neutro gramatical como uma mudança que se deu a partir da necessidade social de que pessoas não binárias fossem representadas na língua e, conseqüentemente, na sociedade. Linguisticamente, o fenômeno pode ser compreendido como a vogal “-e” no final das palavras indicando gênero neutro, substituindo as vogais “-a” e “-o” final que marcariam, respectivamente, o gênero feminino e masculino.

Desse modo, em termos linguísticos, o gênero neutro deve alcançar a neutralidade plena para que ele cumpra seu objetivo; representar pessoas de gênero neutro. No entanto, neste artigo, realizamos um recorte mais específico: pretendemos verificar o comportamento das vogais médias em sílabas tônicas de palavras no gênero neutro e analisar se a variação desse comportamento comprometeria a neutralidade dessas palavras.

O gênero neutro gramatical pode ser visto como uma realização linguística variável que surgiu da necessidade de pessoas que não se identificam em nenhum dos gêneros sociais e gramaticais marcados no

português, feminino e masculino, serem representadas linguisticamente. A vogal “-e” como marcador de (não) gênero gramatical está sendo utilizada, predominantemente, por jovens da comunidade LGBTQIA+. No entanto, em termos de utilização de expedientes formais, é observado que algumas palavras sofrem uma submarcação, antes da vogal final na sílaba tônica que definiria o gênero.

Essa submarcação pode ser entendida como a abertura ou o fechamento das vogais médias; por exemplo, em “ansiosa”, a palavra é pronunciada “ansi(ó)sa” e em “ansioso” a palavra é pronunciada “ansi(ó)so”. A abertura da vogal média na sílaba tônica é considerada reforço / submorfema de feminino e de plural em aportes estruturalistas; desse modo a vogal média aberta em form(ó)sa e form(ó)sos reforçaria o conteúdo de feminino e plural respectivamente (Cf. CÂMARA JR., 1970).

Levantamos o questionamento sobre como seria o comportamento da pronúncia de palavras como essa quando estivessem flexionadas no gênero neutro gramatical e se a diferença na pronúncia revelaria alguma alteração na neutralidade dessas palavras. Em outras palavras, pretendemos investigar se o uso do gênero neutro, nesses casos, levaria a vogal média na sílaba tônica a ficar aberta ou fechada e se essas realizações trariam alguma consequência para a informação do conteúdo gênero neutro.

## **2. Fundamentação teórica**

É interessante refletir sobre a necessidade de um gênero neutro gramatical, uma vez que, teoricamente, na língua portuguesa o gênero masculino gramatical é compreendido como neutro. A teoria de que o gênero masculino gramatical é neutro é amplamente defendida e disseminada em diversos manuais de morfologia, defendendo que a vogal “-a” final é a única que marca gênero, enquanto a vogal “-o” final é temática e, por isso, neutra (Cf. CÂMARA, JR. 1970). Além disso, muitos autores defendem a ideia de que gênero gramatical e gênero social são conceitos distintos e separados, ou seja, o gênero gramatical não tem correspondência com gênero social (Cf. CÂMARA JR., 1970; KEHDI, 1990; CUNHA; CINTRA, 1984; VILLALVA, 2003).

Contudo, segundo os estudos de Linguística Cognitiva (Cf. NASCIMENTO, 2006; ALMEIDA *et al.*, 2010) e Relativismo Linguístico (EVERETT, 2013), nos quais nos fundamentamos para a análise, é ob-

servado que gênero social e gênero gramatical têm uma correspondência praticamente direta, isto é, a partir do seu gênero social, o gênero gramatical é escolhido. Desse modo, entendemos que os questionamentos levantados pelas comunidades feminista e trans são válidos, uma vez que pessoas pertencentes a esses grupos estão sendo menos representadas na língua e, conseqüentemente, na sociedade.

Desde o início dos anos 2000, o movimento feminista questiona o uso do gênero masculino gramatical e como isso poderia estar, de forma indireta, determinando os espaços sociais que mulheres e homens podem transitar. Há alguns anos a comunidade trans levantou outra pauta, também, sobre o gênero gramatical na língua: a existência de apenas dois gêneros marcados no português.

A comunidade trans tem tentado, portanto, incluir na língua pessoas que não se identificam como pertencentes a nenhum dos gêneros (masculino e feminino) a partir da vogal -e final. As primeiras tentativas de representar pessoas não binárias na língua começaram nas redes sociais com o uso de símbolos como “@”, “x” e “y” no lugar das vogais que marcariam os gêneros feminino e masculino, “-a” e “-o”. No entanto, estes símbolos não são de fácil processamento para leitores automáticos, que são *softwares* que leem a tela do computador/celular e obtêm resposta por meio sonoro através da voz, segundo Schwindt (2020).

Desse modo, o gênero neutro gramatical passou a ser representado na língua com a vogal “-e” no final das palavras, substituindo as vogais “-a” e “-o” que marcam, respectivamente, os gêneros feminino e masculino (Cf. CARVALHO, 2019). Algumas dessas marcas são ainda utilizadas em alguns contextos levando à variação linguística, mas o uso predominante atualmente é do “-e”.

### **3. Metodologia e resultados**

O conceito de Relativismo Linguístico defende que a língua pode afetar a forma como seus falantes enxergam o mundo (Cf. CASASANTO, 2008; WOLFF E HOLMES, 2011; EVERETT, 2013). Dessa forma, as discussões acerca de gênero gramatical ganham uma base mais sólida, pois, a partir do relativismo linguístico, pode-se refletir sobre como a existência de apenas dois gêneros marcados no português exclui pessoas não-binárias da língua e, conseqüentemente, de diversos espaços sociais. Portanto, o gênero neutro gramatical tem como finalidade (re)inserir

essas pessoas na língua e, a partir disso, (re)inseri-las na sociedade. Linguisticamente, no entanto, o gênero neutro gramatical tem como principal objetivo alcançar a neutralidade plena, para que pessoas de gênero neutro possam usá-lo para se sentirem representadas na língua.

Todavia, observamos que algumas palavras podem dificultar esse processo devido à realização fonética de alguns dos seus segmentos, como a palavra “ansiose”, por exemplo. Isso acontece porque essa palavra pode ser pronunciada de duas formas: “ansi(ó)se”, com a vogal média tônica aberta ou “ansi(ê)se”, com a vogal média fechada. As vogais médias abertas em sílaba tônica são observadas, em sua maioria, em palavras femininas, isto é, flexionadas no gênero gramatical feminino, enquanto vogais médias fechadas em sílabas tônicas são mais observadas em palavras masculinas. Esse fato, inclusive, leva a que a Morfologia Estruturalista entenda esses usos como reforço / submorfema de gênero: (ê) – submorfema de masculino e (ó) – submorfema de feminino, como mencionamos acima. Dessa forma, levantamos o questionamento se a diferença na pronúncia levaria a alguma alteração na neutralidade da palavra.

Apesar de não ser objeto principal desta pesquisa, entendemos que ocorreu um fenômeno parecido com os pronomes pessoais neutros. Os pronomes pessoais “elu” e “ilo”, embora neutros, podem remeter ao masculino por dois motivos. Em primeiro lugar, as vogais ‘u’ e ‘o’ apresentam realização fonética [U], que, como vogal final átona manifesta, geralmente, a informação de gênero masculino em substantivos (“cachorro”), adjetivos (“gostoso”), pronomes (“isso”).

A partir disso, o uso do pronome “ile” parece mais eficiente ao propósito de indicar gênero neutro, por não possuir nenhuma vogal que seja relacionada com o gênero masculino ou feminino. Em outras palavras, no uso da linguagem, os falantes, através do uso da vogal “-e”, optaram por uma estrutura sem a vogal “u” e “o” final [U]. Em segundo lugar, a vogal média tônica fechada (ê) em “elu” pode ser associada à manifestação de masculino como uma submarcação (reforço ou submorfema nos termos do Estruturalismo).

Fundamentando-se nisso, questionamos se o mesmo não ocorreria nos substantivos e adjetivos com vogal média na sílaba tônica; em outras palavras, parece que seria fundamental encontrar um meio para que essas palavras pudessem ser pronunciadas da forma mais neutra possível. Para verificar se os usuários da língua percebem o (ê) e o (ó) como reforço de

masculino e feminino em substantivos e adjetivos, elaboraremos, por fim, um teste a fim de verificar o uso desses expedientes para representar imagens com traços masculinos e femininos.

### 3.1. Informações sobre o teste

O teste está em fase de elaboração e, a partir dele, chegaremos a conclusões sobre o fenômeno. O teste elaborado tem como finalidade verificar a pronúncia das vogais médias tônicas em palavras flexionadas no gênero neutro. O teste será aplicado via *WhatsApp* e de forma individual; no entanto, haverá três divisões: o número de pessoas que responderão ao teste será igualmente dividido em três grupos.

As pessoas que responderão ao teste receberão imagens que estarão seguidas de três opções de nomes inventados; os participantes, então, deverão escolher uma das três opções de nomes para cada imagem. A seguir, apresentamos detalhes sobre as imagens e suas respectivas opções de nomes na tabela 1:

Tabela 1: organização do teste.

Imagem arredondada:
exemplos linguísticos: cadoso, cadosa, cadose
Imagem angular:
exemplos linguísticos: suroso, surosa, surose
Imagem neutra:
exemplos linguísticos: lemoso, lemosa, lemoso
Uma linha horizontal:
exemplos linguísticos: sedonim, sedonir, sedonil
Uma linha vertical (Distratores):
exemplos linguísticos: pevanez, pevanex, pevanão
Um quadrado (Distratores):
exemplos linguísticos: sularéu, sularal, sularol
Um losango:
exemplos linguísticos: lumável, lumível, lumóvel
Um pentágono (Distratores):
exemplos linguísticos: caleror, caluror, calaror

Entendemos que formas arredondadas podem remeter ao feminino, enquanto formas angulares/pontudas podem remeter ao masculino. A imagem chamada de “neutra” será composta de uma mescla formas arredondadas e angulares. Desse modo, ao final do teste pretendemos compreender se imagens arredondadas levariam à escolha de palavras que em que as vogais médias tônicas são abertas, por exemplo. A partir disso, objetivamos investigar se a abertura ou o fechamento das vogais interfere na neutralidade de palavras flexionadas no gênero neutro.

#### 4. Considerações finais

Verificamos que a variação na pronúncia das vogais médias parece ter relação direta com a indicação de neutralidade de gênero. Isto significa que, quando a palavra neutra é pronunciada com a vogal média fechada na sílaba tônica, a palavra tende a remeter ao masculino; já quando o mesmo acontece para vogais abertas na sílaba tônica, a palavra tende a remeter ao feminino.

Dessa forma, defendemos que seria importante existir uma maneira que conservasse a neutralidade da palavra, assim como foi observado nos pronomes pessoais fazendo com que alguns falantes preferissem a forma “ile” às formas “elu” e “ilo”. Cabe afirmar, por fim, que a pesquisa é pautada em observações teóricas e na percepção da pesquisadora quanto à realização fonética dos segmentos dessas palavras. Há o objetivo de analisar, futuramente, o resultado dos testes elaborados para verificar o uso das vogais médias no contexto abordado no artigo e, assim, confirmar ou negar as nossas observações teóricas realizadas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de et al. Breve introdução à linguística cognitiva. In: \_\_\_\_\_. *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2010.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, Wallace Bezerra de. *Sobre pipocos e dicionários: Uma abordagem construcionista e relativista da flexão de gênero*. Dissertação (Mestrado) – Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2019.

CASASANTO, Daniel. Who's afraid of the big bad Whorf? Crosslinguistic differences in temporal language and thought. *Language learning*, v. 58, p. 63-79, 2008.

CUNHA, Celso Furtado; CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexicon, 1984.

EVERETT, Caleb. *Linguistic relativity: Evidence across languages and cognitive domains*. Walter de Gruyter, 2013.

GYGAX, Pascal Mark et al. Exploring the onset of a male-biased interpretation of masculine generics among French speaking kindergarten children. *Frontiers in psychology*, v. 10, p. 1225, 2019.

HAMILTON, Mykol C. *Using masculine generics: Does generic he increase male bias in the user's imagery?*. *Sex roles*, v. 19, p. 785-99, 1988.

KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1990.

MÄDER, Guilherme Ribeiro Colaço; MOURA, Heronides Maurílio de Melo. O masculino genérico sob uma perspectiva cognitivo-funcionalista. *Revista do GELNE*, v. 17, n. 1/2, p. 33-54, 2015.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 59

NASCIMENTO, M. J. R. Repensando as vogais temáticas nominais a partir da gramática das construções. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro 2006.

SCHWINDT, L. C. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. *Revista da Abralín*, v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020.

STAHLBERG, D.; SCZESNY, S.; BRAUN, F. Name Your Favourite Musician: Effects of Masculine Generics and of their Alternatives in German. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 20, n. 4, p. 464-69, 2001.

VILLALVA, Alina. Estrutura morfológica básica. In: MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, p. 917-83, 2003.

WOLFF, P.; HOLMES, K. J. Linguistic relativity. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, v. 2, n. 3, p. 253-65, 2011.